



AO N.º 1018 DO

**SUBSCREVE-SE**

Na Typographia do PA-  
TRIOTA, rua do Poço  
dos Negros n.º 54.  
Marques, na rua Augusta  
n.º 2 e 3.



**POR**

Um mez.....240 rs.  
Tres mezes.....720 „  
Avulso.....30 „

Este Supplemento publica-se todas as se-  
gundas e quintas feiras.

**ANGOLA.**

**U**DE secu'os que tem vogado a falsa idéa de ser  
Angola um paiz insalubre e mortifero.

Graças a uma nobre personagem, podemos  
hoje asseverar que viviamos n'um engano.

Angola é um paraizo, o seu clima é o mais  
salutar do globo; marcha-se sobre roças e jasmims, e os  
mosquitos cantam como rouxinões.

Os negros cheiram a almiscar, e a sociedade é um  
composto de virtudes patriarchaes.

A memoria dos grandes homens deve perpetuar-se,  
por essa razão levantamos hoje uma estatua ao insigne  
varão, a quem devemos tão util descoberta; possa elle  
em premio della, alli acabar os seus dias em paz e so-  
cego, á sombra dos coqueiros, das sezões, das febres,  
& de todos esses bens que a natureza prodigamente creou  
para consolar o homem.

**NORMA**

Drama immoral em 3 actos, imitado  
do Italiano.

**PERSONAGENS.**

- NORMA, Sacerdotiza dos Druides... *Ferrão.*
  - ADALGIZA, Druida namoradeira.... *Mello e Carvalho.*
  - POLEÃO, Catita Romano..... *Leão.*
  - OROVESO, Pai de Norma..... *Franzini.*
  - UM EXECUTOR..... *Adulterio.*
  - UM LACAIO..... *M. Leal.*
- (A scena passa-se em qualquer parte.)

**ACTO I.**

O theatro representa a ribeira do peixe, ao longe o  
Tejo a ensaboar uns calções, e a lua a descascar er-  
vilhas.

**SCENA I.**

NORMA só.

*Norma.* — (Olhando embasbacada para a lua.) Não  
me posso esquecer do maldito Poleão, estou como uma  
vibora, deo agora em fadista.... ora queira Deos não

me pregue elle algum mono.... enfeitiçou-me!... ainda  
me lembra a noite em que m'emborrachou..... (*mete  
a mão n'algibeira, tira um pedaço de queijo e come*)  
e.... sou mãe!... Alguem para aqui se encaminha,  
olho vivo.

**SCENA II.**

A mesma, OROVESO, DRUIDES, e voluntarios do João-  
sinho tocando o hymno da carta.

*Oroveso.* — Alto, direita, volver. Eu podia estar aqui  
a grasnar quatro horas, não quero, dou a palavra a  
Norma.... falla rapariga.

*Norma.* — Fallo sim, por que não tenho papas na  
lingoa. Guerreiros, se eu fosse homem, nem o Trasti-  
mundo e todos os seus ajudantes com pança e seu  
ella me ganhavam, então verieis o que eram batalhões,  
pelotões, esquadrões, granadeiros, artilheiros, fusilei-  
ros, caçadores, sapadores, limpadores, mas como sou  
mulher, o mais que posso fazer é mandar-vos á fava;  
ide pois, amaveis mancebos, cacetar por esse mundo,  
que eu vou fazer meia, e pôr a panella ao lume.

*Voluntarios.* — (*Afastando-se.*) Viva Norma, viva  
a carta constitucional, viva o nosso coronel.

**SCENA III.**

A mesma e ADALGIZA.

*Adalgiza.* — Adeos patulea, como estás?

*Norma.* — Não vou mal e tu?

*Adalgiza.* — Tenho andado com dores de dentes e  
frieiras, puz-lhe unguento de soldado, estão na mesma,  
porém o peor não é isso.

*Norma.* — Então que tens.

*Adalgiza.* — Tenho o diabo no corpo.

*Norma.* — Recitou-te o Laborim alguma ode?

*Adalgiza.* — Peor.

*Norma.* — Quer-te namorar o Mello e Carvalho?

*Adalgiza.* — Que diabo de idéa!

*Norma.* — Vamos, que fizeste tu rapariga?

*Adalgiza.* — Tenho vergonha.

*Norma.* — Ora desembucha (*á parte*) que tal esté  
a empração!

*Adalgiza.* — Ah! vai.... não sei como heide prin-  
cipiar, tenho medo que te zangues.

*Norma.* — Não te faças creança (*um lacaio traz  
uma cadeira á Voltaire, e Norma senta-se.*)

*Adalgiza.* — Fui passear ao campo grande, sentei-  
me n'um banco, estava só a pensar na minha vida, e  
quantas varas me seriam necessarias para fazer uma aná-  
goa, quando de repente me apparece um....

*Norma.* — Um que?

*Adalgiza.* — Um catita, disse-me quatro lérias e  
depois....

*Norma.* — Depois o que fez?

*Adalgiza.* — Disse-me que eu não tinha mãos bigodes, que elle era ministro e quiz.....

*Norma.* — Como se chama?

*Adalgiza.* — Pó!...

*Norma.* — Pó!... Pó!... o resto do nome!...

*Adalgiza.* — Leão.

*Norma.* — Pó!... Leão! Pó!... Leão. Põe-te no andar da rua grandíssima desavorgonhada... Ah! a cousa é assim, já nós lá vamos, pois espera que lhe vou encher a cara de bolachas.

*Adalgiza.* — Norma, ouve.

*Norma.* — Olha que te arranco os olhos.

*Ambas.* — Maroto, patife, poleão, leão, tigre, cabral, estupor.

*Norma.* — Dá cá um abraço.

*Adalgiza.* — Ora venha de lá isso.

*Ambas.* — (*Partindo cada uma para o seu lado.*)  
Vamos pôr-lhe a calva á mostra.

(*Cahe o panno.*)

## ACTO II.

### SCENA I.

NORMA só.

O theatro representa uma pocilga ricamente mobilada.

Norma está estendida sobre um rico sofá, levanta-se como um cão damnado e diz:

A desavorgonhada nainora Poleão... e demais a mais eu é que tenho de fazer de inquisidor!! (*Dá um assobio, e entra um laçao.*)

*Lacão.* — V. Ex.<sup>a</sup> manda alguma cousa?

*Norma.* — Vai á secretaria dos negocios da guerra e diz ao sr. Poleão que chegue aqui. (*O laçao sahe.*)

### SCENA II.

A mesma e POLEÃO.

*Norma.* — Ah!

*Poleão.* — V. Ex.<sup>a</sup> está de má catadura...

*Norma.* — Para não estarmos com mais ceremonias, nem com dize tu, direi eu, quero que me diga por onde tem andado o sr. barão de Pó-leão, e para que me fez a côrte?

*Poleão.* — Perdão, Norma!...

*Norma.* — E's um patife, um descarado, não tens vergonha; ah você já pede perdão! estou-me ninando; arrêde-se para lá, olhe que lhe arranco os olhos.

*Poleão.* — Nobre Sacerdotiza, isso não são modos de tratar.

*Norma.* — E você seu desalmado tratou-me melhor? Cuida que m'embraça, que me deixo adormecer? Sei tudo, sei que anda atraz da Adalgiza, que me queria pôr os carrapitos; ah você julga que isto de seduzir uma Sacerdotiza é barro, está enganado (*com ar e voz terna.*) Cachorro... não vês as minhas lagrimas! não vês que te amo ainda? que queres que faça desses dois innocentes mandriões que estão alli deitados naquelle barril do lixo (*apontando para os dois filhos*) queres que lhe dê com a cabeça contra uma parede?

*Poleão.* — Ora bollas!... para que diabo te heide eu enganar, já que assim o queres, assim o tenhas; gosto d'Adalgiza, que tem isso? E adeos que vou até ao Marrare (*sahe.*)

*Norma.* — (*Lança as mãos aos cabellos para os arrancar, mas vendo que está rapada á navalha diz com furia.*)

*Norma.* — Nunca vi um maroto assim (*olhando para a lua.*) E tu oh lua que estás ahí sem fazer cousa alguma inspira-me... que heide fazer? Ah que idéa luminosa... A vingança... (*pega n'um cacete*) vou cacetar meus filhos, vou quebrar a cabeça aos rapazes (*avança com o cacete levantado para o barril do lixo, e neste momento começam os pequenos a ressonar como*

*dois porcos, e Norma enternecida agarra-se a elles dirigindo-se ao publico.*)

*Norma.* — Ah querieis que acabasse a tragedia com a morte dos rapazes, pois logo vai, e o terceiro acto? vou refrescar e já volto.

(*Cahe o panno.*)

## ACTO III.

O Rocio.

Os batalhões de voluntarios dormem ao sol, e os coroneis fumam á sombra.

### SCENA I.

NORMA só.

*Norma.* — (*Com ar carregado.*) Para que esse ar sombrio, guerreiros Druidas, que culpa tenho eu de não haver vintem! de estar tudo roubado e de só ter culto o semi-Deos de tomar! Cara alegre, rapazes, tambem havemos ter o nosso S. Martinho.

### SCENA II.

*Dous voluntarios dos empregados publicos conduzem preso*

*POLEÃO.* — NORMA ordena que o soltem e que a ouçam.

*Norma.* — Voluntarios, vou fazer justiça, e estimo bem que seja na presença de todos (*pensa um momento, come um rabuçado e continúa*): Povo! Visteis sem duvida em vossos dias os bailes dos Costas Cabraes, a seringa do Albano, o chinó do Laborim, as notas do Roma; visteis o Culminante, o Panturrão, os ratos do Franzini, o Cubello feito ministro; visteis mil despropósitos — Tudo isso é zero. Sabei, ó povo, que a uma de vossas Sacerdotisas escorregou um pé, que sem respeito pela lua é pelo Codigo penal, se deixou embalar por um bandalho sem ton nem son! Povo! essa indigna; essa desgraçada sou eu... (*Terror geral, Poleão cahe de repente aos pés de Norma.*)

*Poleão.* — Agora é que te conheço!... fui um asno... dá cá um abraço.

*Norma.* — (*Corre ao tambor do batalhão de empregados publicos, agarra nas baquetas e toca chamada, e reúnem-se os batalhões.*)

*Norma.* — Soldados, ide chamar o Adulterio, quero morrer.

### SCENA III.

A mesma, OROVESO e ADULTERIO.

(*Adulterio lança o Diario do Governo sobre Norma antes de a estrangular.*)

*Oroveso.* — Filha!

*Norma.* — Não sou tua filha.

*Oroveso.* — Deliras!

*Norma.* — (*ao ouvido de Oroveso*) Pai... sou macho...

*Oroveso.* — Macho!...

*Norma.* — ... Sim... Sou o Ferrão!...

*Oroveso.* — ... Tu!... Hermephrodita! eu te maldigo.

(*Poleão arrastado pela Guarda Municipal segue Norma cambaleando ao supplicio, cantando o hymno da Carta, os Druidas e voluntarios enchem as barretinas de lagrimas e o panno cahe.*)

Foi tal o effeito que produziu esta acção-tragica, que o publico chamou fóra os actores com repetidos applausos. Norma decapitada conduzindo pela mão os Srs. Mello e Carvalho, Leão, e Franzini, já com as fardas de ministros, vieram agradecer tão benigno acolhimento.

## Theatro de S. Carlos.

**C**HEGOU finalmente a companhia italiana, desembarcou, e não foi cacetada!!!

Nesta terra onde toda a gente é feia (salvo honro-

28. 2. Nº 3. 1873

# GALLERIA COMTEMPORANEA



*Caricaturista*

Lith. Francisca Calçada de Setembro Nº 175

# PORTUGAL!!

sas excepções, nas quaes entram os ministros) quando apparece uma mulher de bons bigodes é um alarme, um murmurinho, um cochichar fóra do usual.

A companhia italiana apresenta mulheres de *tibe-quoque!!* verdadeiras mulheres! A primeira dama é veludo de *tercio* pêlo, é uma Hourri; os cruzios saltarão das algibeiras da rapaziada para a irem vêr, e o Roma é que perde com isso, por que esperava lhe fossem cahir nas unhas em troco das taes notas de Portugal. Enganou-se, vão para o Vicente Coradini.

Mas voltemos ás mulheres.

Além da mirobotante primeira dama; vem uma dançarina, a sr.<sup>a</sup> Bussola! Ora vejam que nome! Bussola! mas não é de marear, é Bussola que hade fazer com que as cabeças não deem pelo leme. Rapazes! a Bussola é linda!

A's armas! oculos, luvas brancas e almiscares, ides entrar em campanha.

Rapazes! preparai-vos para o namoro, tratai de assignar, vêde se podeis apanhar o primeiro banco da superior, vamos, dai signal de vida, tendes gado novo, atirai-vos a elle; pé firme, atrevimento, e sobre tudo louras na frente, e o inimigo cahirá em vosso poder.

Viva a carta constitucional!!

Abaixo o Ferrão, Mello e Carvalho, Cubello e mais patuscos.

#### PASTOBAL A UM INFIEL.

REVERENDISSIMO PADRE MARCOS SOARES VAZ PRETO



SUPPLEMENTO tinha-te abandonado á tua sorte, esperava que a correção espiritual que te deo, fosse bastante para te conter nos limites da garrafa e do copo, e estava decidido a deixar-te saborear em ocio santo o bom Carfaxo, Porto e Chamusca, tu porém infringindo os sagrados preceitos do evangelho, que manda prégar a paz, pelo contrario ateaste a guerra.

Não comprehendesteis, padre, que te queriamos poupar, julgastes que te haviamos esquecido, e deitastes os bracinhos de fóra; vai-te custar cara a rebeldia.

Tens que vir ao santo tribunal da penitencia, e talvez não sejas absolvido.

No paço queres fazer o papel de Dietz, pois bom é que saibas que os teus manejos não são occultos, e quando o fossem, nós vamos dizer tudo, pão, pão, queijo, queijo.

Se no paço *alguem* se mostra avessa aos cabraes, appareces logo lançando a bandeira da misericordia, e insinuando que são intrigas da opposição: queres antes sacrificar a corda de que os dois irmãos cabraes.

Se no paço *alguem* se inclina para a opposição, estás logo em campo a intrigar, a lembrar passados factos, a fazer reviver recordações; tornas-te satanaz e intrigante.

Na loja maçonica, a que presides, não receias declarar-te abertamente a favor de Costa Cabral, e affiança-nos pessoa iniciada nos sagrados mysterios, que não poupas uma augusta personagem.

Levas a intriga até calumniar um teu amigo que já foi ministro, e que para ti tem o grande crime de não ser cabralista.

Padre Marcos, sentido! Sabemos o que queres, não dás, nem darás um passo que nos não chegue. Não despertes o Leão que dorme, accomoda-te, deixa-te de politica, não defendas ladrões, não insultes homens de bem.

Padre Marcos, prostra-te diante de Baccho e não queiras esgrimir com o paiz, olha que ficas mal.

Nem sempre terás por desculpa, que não sabes o

que fazes por ser o teu estado normal o de vinha d'alho. Brinca com garrafas, copos, odres, toneis, pipas, mas não com cousas sérias.

Padre Marcos! Mea culpa

Mea grande culpa

Mea grande culpa.

Levanta-te:

Reza quatro Paters Noster pela alma de Noé, e por penitencia deixarás de tocar por oito dias em bebida alguma espirituosa, podendo apenas vê-la a dez passos de distancia.

#### SR. LACERDA



Sr. Lacerda, alferes ao serviço da Junta do Porto, foi acommetido em a noite de 21 do corrente por alguns dez caceteiros, nas visinhanças da casa de José dos Conegos (ao Poço Novo) ficou bastante maltratado. Naturalmente foi este, sr. quem atacou os dez *valentes!!!* e quem os ferio!!! O *Diario* do caceteiro Adulterio é assim que deve referir o facto: é uma mudança de palavras, nada mais do que chamao aggressor ao agredido, é vice-versa.

Não mostres tua riqueza  
Mano Antonio, faz-te pobre;  
Como tu ninguem descobre  
D'agil mão a rica preza  
Tal conselho d'esperteza,  
Toma Antonio do José,  
Aos moços despe a libre,  
De berlinda não sáe mais;  
E' tactica dos cabraes  
Tendo sege andar a pé.



Em que se occupa diariamente o padre Marcos? Pela manhã diz missa e á noite não sabe o que diz.

Parece que o Cubello pertence de logo que deixe o ministerio, ser nomeado encarregado de negocios, pelo imminente serviço de ter despachado o cunhado.

Os verbos que melhor rimam com o verbo cabralar, são: roubar, furtao, surripiar, empalmar e tomar.

Em que se parece o ministerio com a arca de Noé? Em não ter um só homem e muitos animaes.

Os Lacedemonios admittiam o roubo, segundo as leis de Lycurgo, quando elle era feito com subtileza; entre nós é admissivel pelo código romano e pelo de *to-mar*.

Editor responsavel — MANOEL DE JESUS COELHO.

NA OFFICINA DE MANOEL DE JESUS COELHO

Rua do Poço dos Negros n.º 54.

1847.